



## Resultado no mês<sup>1</sup>

Em janeiro de 2022, a performance do Canvas Vector foi de -0.28%. Desde o início do fundo, em dezembro de 2017, o retorno acumulado é de 26.32% (119% do CDI).

Mercados	Retorno				Sharpe
	Mês	Ano	12 meses	Início <sup>1</sup>	Início
Moedas DM	1.12%	1.12%	1.94%	6.67%	0.41
Moedas EM	0.41%	0.41%	-0.91%	1.10%	0.05
Juros DM	-0.40%	-0.40%	-2.26%	7.23%	0.46
Juros EM	-0.45%	-0.45%	-4.08%	0.05%	0.00
Commodities	0.36%	0.36%	-0.84%	0.13%	0.02
Crédito	-1.14%	-1.14%	-0.41%	3.87%	0.37
Volatilidade	-0.75%	-0.75%	2.64%	2.72%	0.16
Renda variável	-0.12%	-0.12%	-0.10%	-1.53%	-0.50
<b>Alfa<sup>2</sup></b>	<b>-0.98%</b>	<b>-0.98%</b>	<b>-4.02%</b>	<b>20.25%</b>	<b>0.52</b>
<b>Alfa FIC</b>	<b>-1.02%</b>	<b>-1.02%</b>	<b>-5.68%</b>	<b>4.22%</b>	<b>0.12</b>
CDI	0.73%	0.73%	5.00%	22.10%	-
<b>Total FIC</b>	<b>-0.28%</b>	<b>-0.28%</b>	<b>-0.68%</b>	<b>26.32%</b>	<b>-</b>
% CDI	-39%	-39%	-14%	119%	-

<sup>1</sup> Lançamento do Canvas Vector: 19/12/2017

<sup>2</sup> Alfa é o retorno das posições em excesso ao CDI

### Performance Acumulada



P&L desde o início	
País/Setor	bps
Chile	526
Suécia	319
Alemanha	302
Hungria	262
Reino Unido	240
Vol. de bolsa	211
Indonésia	204
Crédito HY	185
Semi-preciosos	161
Crédito IG	152
Austrália	148
Polônia	145
Israel	138
N. Zelândia	137
Agricultura	94
Canadá	91
Romênia	89
Colômbia	71
Taiwan	52
Itália	-41
Outros	-72
Singapura	-74
Tailândia	-85
Energia	-91
Peru	-113
Hong Kong	-114
Turquia	-117
Argentina	-156
México	-156
Metais	-179
Noruega	-198
Índia	-227
Rep. Tcheca	-249

## Mercados

O primeiro mês de 2022 teve como destaque a performance negativa de ativos cíclicos - que, no Vector, são representados por ativos de crédito, volatilidade implícita e renda variável.

O S&P 500, principal índice de ações norte-americanas, teve desempenho oposto àquele observado em boa parte de 2021, ano em que suas máximas históricas foram seguidamente renovadas. Com queda de 5.26%, o resultado mensal do índice foi o pior desde março de 2020, quando foi declarada pela OMS a pandemia de Coronavírus. O VIX, que reflete a volatilidade implícita do S&P 500 - e,

<sup>1</sup> Os resultados apresentados referem-se ao Canvas Vector FIC de FIM (CNPJ 28.866.524/0001-89).



## Carta Mensal Canvas Vector FIC FIM - Janeiro/2022

portanto, a busca dos investidores por proteção contra oscilações na bolsa americana -, subiu mais de 7 pontos. Desde o começo da pandemia, este foi o quarto pior resultado do indicador na janela mensal. Por fim, comportamento semelhante foi observado em *spreads* de crédito corporativos e soberanos.

O resultado agregado no fundo dos *books* de ativos cíclicos foi de -2.01%.

Na Carta de dezembro, nós mencionamos que a política de *stoploss* do Vector teve desempenho satisfatório em 2021, o que também pode ser dito com relação ao mês de janeiro / 2022. Por exemplo, o *stoploss* da estratégia de *Crédito & Vol.* evitou um *drawdown* que teria sido 63 *bps* maior (vide gráfico abaixo).



No mercado de renda fixa soberana, aberturas de diferentes graus foram observadas em países desenvolvidos e emergentes. Em termos relativos, os movimentos de maior magnitude ocorreram nos desenvolvidos. Como nossos investidores já sabem, a estratégia direcional de juros, de caráter defensivo e cujas posições são exclusivamente aplicadas nas taxas de países desenvolvidos, é suscetível a períodos de retorno negativo durante períodos de abertura em taxas de juros, o que explica o resultado de -40 *bps* do *book* de Juros DM no mês.

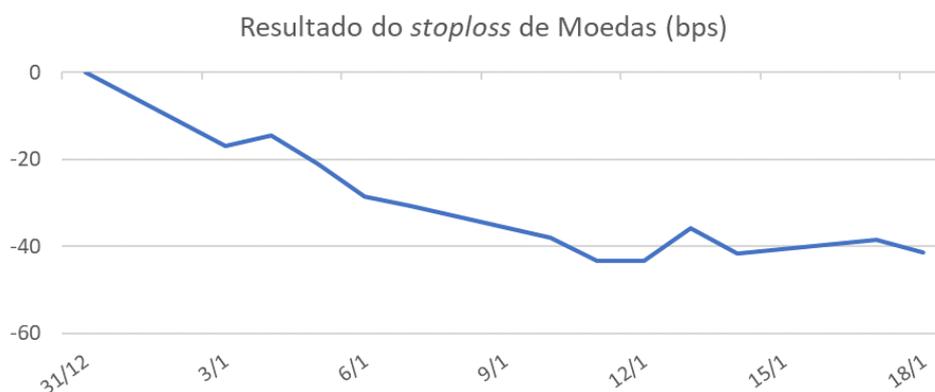
Assim como *Crédito & Vol.*, a estratégia de *Juros Direcional* também teve medidas de *stoploss* acionadas, que limitaram as perdas do mês, como mostra o gráfico a seguir.



Em janeiro, o mercado de moedas apresentou comportamento misto. Moedas de países desenvolvidos, no geral, passaram por depreciação moderada, ao passo que as de emergentes oscilaram entre ganhos e leves perdas contra o dólar americano. O Vector teve desempenho positivo em ambos os *books* dessa classe de ativos.



Na primeira metade do mês, o *stoploss* também foi acionado para a estratégia de *Moedas*. No entanto, diferentemente de *Crédito & Vol.* e *Juros Direcional*, ele gerou perdas no *book*, conforme mostra o gráfico abaixo.



Por fim, boa parte das *commodities* teve alta neste mês - com destaque para o petróleo, cujos contratos futuros valorizaram mais de 17%. As quedas, por outro lado, concentraram-se no setor de metais. Essa classe de ativos contribuiu positivamente para o resultado mensal do fundo.

Em janeiro, a política de *stoploss* do Vector não apenas evitou *drawdowns* maiores, como terminou o mês com resultado positivo. No entanto, é importante lembrar que estratégias de *stoploss* são análogas à compra de “seguro” e, por isso, é esperado que tenham retorno negativo no longo prazo. Ainda assim, se bem implementadas, elas contribuem positivamente para a relação retorno / risco do portfólio, uma vez que a queda no risco tende a ser maior que a queda no retorno.

### Estratégias Dinâmicas

Na Carta de setembro de 2021, nós descrevemos a estratégia de *stoploss* do Vector em detalhes e exploramos a origem do “custo estocástico” mencionado no parágrafo anterior. Em suma, independentemente dos custos de transação da estratégia (corretagem, *spreads*, etc.), no longo prazo os preços médios de compra tendem a ser ligeiramente maiores que os preços médios de venda.

Esse fato, apesar de pouco intuitivo, é consistente com a natureza defensiva de estratégias de *stoploss* (seguros, em geral, têm um custo) e pode ser entendido matematicamente através do chamado *Lema de Ito*. No entanto, o *Lema de Ito* também pode ser utilizado para inferir o custo estocástico esperado de outras estratégias. Com isso em mente, nós vamos dar continuidade, nesta Carta, à discussão iniciada em setembro.

Para recapitular o que o termo “custo estocástico” significa, nós reproduzimos abaixo, de forma resumida, o exemplo utilizado na Carta de setembro.

Vamos considerar uma posição comprada no índice da Bolsa de NY (S&P 500)<sup>2</sup>. Uma possível política de *stoploss* consiste em zerar a posição após uma queda de, digamos, 10%. Por exemplo, se o preço do índice hoje é 100, podemos definir que o *stoploss* é acionado se e quando o preço atingir 90.

Vamos supor que seja possível operar o ativo no preço exato em que o *stoploss* é acionado. No exemplo acima, isso significa que podemos “zerar<sup>3</sup>” o S&P 500 a 90 e, caso houvesse uma recuperação, recomprá-lo também a 90. Sendo essas premissas verdadeiras, e ignorando-se

<sup>2</sup> De maneira que seu retorno reflita o do índice.

<sup>3</sup> Encerrar a posição.



custos de transação, o *stoploss* não impactaria o retorno esperado da posição (o ativo seria vendido e recomprado no mesmo preço).

Apesar de intuitiva, a premissa acima é falsa: não é possível vender e recomprar sistematicamente o ativo no mesmo preço<sup>4</sup>. O que ocorre pode ser explicado da seguinte forma: se o preço cai de 100 para 90, o *stoploss* é acionado, porém, como saber se a próxima variação será para baixo ou para cima?

Para ilustrar porque isso é relevante, considere o seguinte. Se decidirmos vender o ativo (a 90) e a próxima variação for para baixo, o *stoploss* terá cumprido seu papel da maneira ideal. Mas, e se a variação for para cima? Nesse caso, teríamos que recomprar o ativo a um preço ligeiramente maior (ex. 90.01), perdendo a diferença. Se, por outro lado, esperarmos o próximo movimento e ele ocorrer para baixo, teríamos que vender a um preço ligeiramente menor (ex. 89.99). O mesmo se aplica na “volta” do *stoploss*, isto é, na decisão de recomprar o ativo.

Ou seja, para que os preços médios de compra e venda sejam o mesmo, não basta ser possível operar a 90: teríamos, também, que ser capazes de prever o próximo movimento do preço do ativo<sup>5</sup>.

De maneira mais geral, podemos nos perguntar, com relação a qualquer estratégia de investimento, se – e por que – as compras (vendas) tendem a ser feitas após um movimento de alta (baixa). Surpreendentemente, como veremos a seguir, até mesmo estratégias simples<sup>6</sup> podem conter um custo estocástico “escondido” em suas regras de alocação.

Para iniciar nossa análise, vamos considerar uma estratégia que aloque 100% do seu capital em um determinado ativo – por exemplo, uma ação. Neste caso, a estratégia pode ser considerada estática. Por exemplo, se o ativo cai ou sobe 10%, a estratégia também perde ou ganha 10%, de maneira que ela continua com 100% de seu capital alocado no ativo.

### Alavancagem

A seguir, vamos considerar uma estratégia parecida, mas que aloca apenas 5% de seu capital no ativo<sup>7</sup>. Ela deve ser considerada uma estratégia dinâmica? Intuitivamente, a resposta pode ser *não*, uma vez que o montante investido é fixo em 5%, independentemente do que aconteça. Apesar de isso ser verdade no longo prazo, no curtíssimo prazo, e ao contrário do exemplo anterior, a alocação não permanece fixa em 5%, fazendo desta uma estratégia dinâmica.

Para entender o porquê, considere o que ocorre após uma queda de, digamos, 10%: enquanto o tamanho da posição é reduzido na mesma proporção que a queda no preço do ativo (10%), o capital total da estratégia cai apenas 0.5% ( $-10\% \times 5\%$ ), de maneira que a nova alocação passa a ser:

$$\frac{5\% \times (1 - 10\%)}{(100\% - 5\%) + 5\% \times (1 - 10\%)} = \frac{4.5\%}{99.5\%} \approx 4.5\%$$

Como se pode notar na equação acima, o tamanho relativo da posição diminui após uma queda no preço do ativo. O inverso também é verdadeiro: a equação a seguir mostra o que ocorre após uma alta de 10%.

$$\frac{5\% \times (1 + 10\%)}{(100\% - 5\%) + 5\% \times (1 + 10\%)} = \frac{5.5\%}{100.5\%} \approx 5.5\%$$

Se a estratégia consiste em manter a alocação fixa em 5%, o tamanho da posição deve ser constantemente ajustado. Utilizando-se as equações acima como referência, isso implica em aumentos após quedas e

<sup>4</sup> Esse motivo pode parecer meramente “prático” (ex. há um spread entre os preços de compra e venda), mas, na realidade, ele é puramente matemático. Isto é, ele também se aplica em um mercado “perfeito”, com preços contínuos, sem *spreads* de compra e venda, sem custos de transação e aberto 24 horas por dia, 7 dias por semana.

<sup>5</sup> Apesar de o nosso exemplo ter sido com valores discretos (89.99; 90.00; 90.01), repetimos que isso também é matematicamente verdade para variáveis aleatórias contínuas.

<sup>6</sup> Em alguns casos, tão simples que sequer são consideradas dinâmicas.

<sup>7</sup> Para simplificar, assumimos que os 95% restantes são aplicados em um investimento sem risco e cujo retorno é 0.



reduções após altas. Dado que preços de ativos podem ser descritos como variáveis aleatórias, o mesmo *Lema de Ito* mencionado anteriormente nos mostra que, no caso acima, o “custo estocástico” na verdade é um “ganho estocástico”. Ou seja, no longo prazo, o retorno de uma estratégia com uma alocação de 5% em um determinado ativo será maior que 5% vezes o retorno desse ativo.

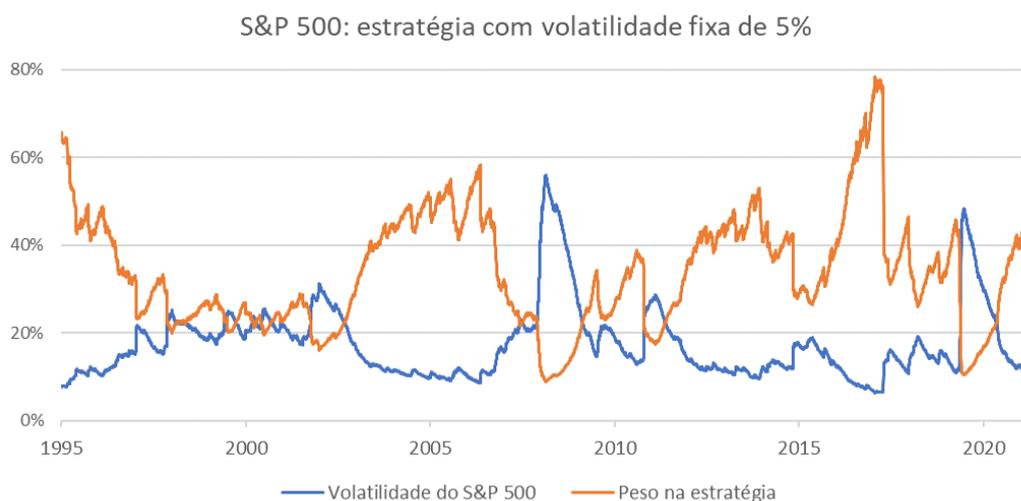
Mais uma vez, esse efeito pode parecer um mero erro de aproximação, de forma que, caso os ajustes fossem contínuos, ele desapareceria. No entanto, conforme argumentamos em setembro, isso é um fenômeno puramente matemático que continua ocorrendo mesmo em um cenário “ideal” de preços contínuos e um mercado sem *spreads* de compra e venda, sem custos de transação e aberto 24 horas por dia, 7 dias por semana.

De forma mais geral, toda alocação “fixa” inferior a 100% do capital<sup>8</sup> gera um “ganho estocástico”, enquanto alocações maiores que 100% (posições alavancadas) geram um pequeno “custo estocástico”<sup>9</sup>.

### Objetivo de volatilidade

A seguir, vamos analisar o efeito de estratégias que trabalham com um objetivo de volatilidade. A maior parte dos fundos multimercado no Brasil e grande parte dos chamados *hedge funds* no exterior seguem um nível de volatilidade-alvo. De forma geral, se um fundo pode utilizar derivativos, seu patrimônio líquido deixa de ser um limitador para o tamanho das posições, o que leva muitos a adotar uma medida de risco (no caso, a volatilidade calculada da carteira) como base. No Brasil, por exemplo, muitos fundos buscam entregar volatilidade (desvio-padrão da cota) de 3% a 10% a.a.

Independentemente do valor escolhido, essa metodologia implica em reduções no tamanho das posições em momentos de alta na volatilidade dos ativos e vice-versa. Ilustrando esse ponto, o gráfico abaixo mostra o tamanho da posição de uma estratégia que investe no S&P 500<sup>10</sup> e cuja alocação no índice corresponde a  $\frac{5\%}{\text{volatilidade}_{S\&P500}}$ ; isto é, uma estratégia com objetivo de volatilidade de 5% a.a.



Conforme esperado, nota-se a relação inversa entre volatilidade e tamanho de posição. No entanto, o nosso interesse aqui é na relação histórica entre retorno e volatilidade – e, conseqüentemente, retorno e alocação.

<sup>8</sup> Ou *patrimônio líquido*, no caso de um fundo de investimento.

<sup>9</sup> Para observar esse efeito, sugerimos repetir as equações acima trocando 5% por 200%

<sup>10</sup> Índice da bolsa de NY.



## Carta Mensal Canvas Vector FIC FIM - Janeiro/2022

Com isso em mente, o próximo gráfico mostra o retorno acumulado do índice em torno de sua média histórica, além da volatilidade e do tamanho da alocação – desta vez, em torno de sua média histórica, assim como o retorno acumulado.

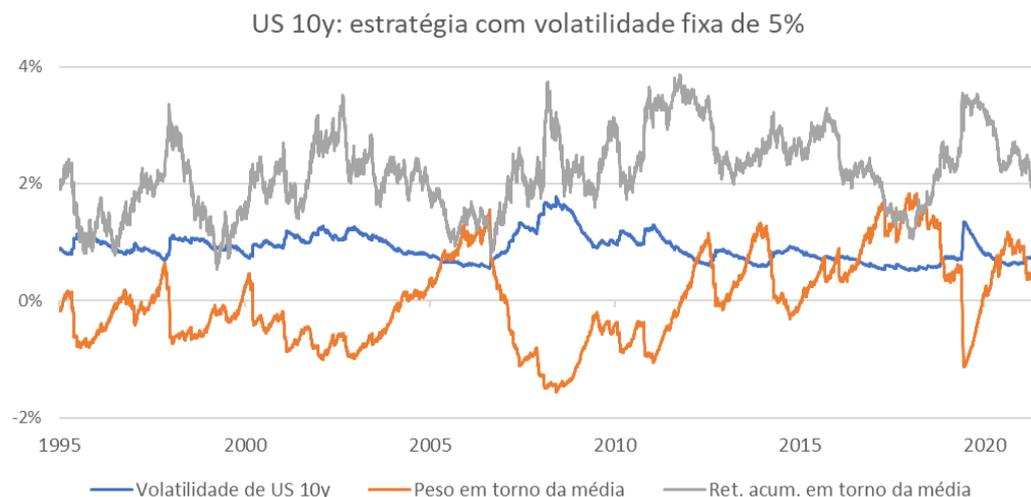


Como podemos ver, a volatilidade (alocação) tende a subir (cair) após uma queda no preço do índice. Isso faz com que o tamanho da posição seja relativamente maior nos períodos que antecedem e durante as quedas, e menor durante o período de recuperação que se segue. Em outras palavras, ao contrário do exemplo anterior (alocação “fixa” de 5% no índice), essas estratégias tendem a “comprar caro e vender barato” (assim como uma política de *stoploss*).

No entanto, nós não podemos generalizar o resultado acima para todas as estratégias que trabalham com objetivo de volatilidade, pois ele depende crucialmente da relação entre volatilidade e retorno do ativo em questão.

No caso do S&P 500, como vimos, a volatilidade sobe após uma queda pois ações são “cíclicas”, ou seja, elas tendem a perder em momentos de estresse no mercado. No entanto, no caso de ativos “defensivos”, como títulos do tesouro americano a relação pode ser diferente: o preço pode subir em momentos de estresse.

A seguir, nós reproduzimos o último gráfico para o título de 10 anos do tesouro americano.





Aqui, o efeito é menos claro, mas parece ser inverso. Em particular, podemos observar que o tamanho da posição teria sido reduzido após as crises de 2008 e 2020, nas quais o valor dos títulos aumentou.

Antes de prosseguirmos, é importante mencionar, com relação a objetivos de volatilidade, que os efeitos apresentados, apesar de similares aos dos casos anteriores, têm causa diferentes. Aqui, o termo “custo estocástico” não é apropriado, uma vez que esse efeito não tem relação direta com o *Lema de Ito* ou com o fato de preços de ativos serem representados por variáveis aleatórias, mas sim com a relação entre volatilidade e retorno dos ativos.

### Outros casos

A discussão acima é apenas a “ponta do iceberg” de uma ampla literatura sobre como regras “escondidas” em processos de alocação, combinadas com a natureza probabilística de preços de ativos financeiros, impactam o retorno esperado de uma carteira – em geral de forma pouco intuitiva e, com certa frequência, desconhecida até mesmo por profissionais de investimento.

Um exemplo famoso é o de um contrato chamado *eurodollar*. De maneira resumida, ele é um contrato de juros que possui um retorno linear. Logo, ele pode ser utilizado como *hedge* para títulos de renda fixa. No entanto, dado que o preço de um título pré-fixado é uma função não linear da taxa de juros, existe um ganho estocástico para posições compradas no título e vendidas no *eurodollar*<sup>11</sup>.

De qualquer forma, a lição da análise conduzida nessa seção é que o retorno de uma estratégia de investimento pode ser maximizado através da escolha de regras eficientes e matematicamente consistentes de alocação, e de instrumentos apropriados. E, como vimos, isso vale não apenas para estratégias quantitativamente sofisticadas, mas também para aquelas que são aparentemente simples a ponto de sequer serem consideradas uma “estratégia”.

Naturalmente, a valorização dos ativos é o principal *driver* de retorno de carteira de investimentos. No entanto, dado que os demais efeitos são muito menos conhecidos, eles são frequentemente ignorados, podendo, em casos extremos, causar perdas irreversíveis.

Por exemplo, não muito infreqüentemente, fundos alavancados “quebram” após movimentos fortes. Em alguns casos, o motivo se deve a uma política falha de controle de risco. Porém, em outros, até mesmo os gestores são surpreendidos por fatores que não haviam sido contemplados.

Para concluir, é importante lembrarmos que, sendo probabilísticos, retornos de ativos financeiros muitas vezes não seguem as regras matemáticas “convencionais” (aplicáveis a variáveis determinísticas). Na maioria dos casos, os efeitos no resultado são pequenos. No entanto, em outros, eles podem tornar-se significativos no longo prazo. Logo, é importante ter conhecimento e levá-los em consideração no processo de alocação de carteiras.

### Análise da Carteira

Em comparação com a carteira de dezembro, houve redução nas parcelas de risco alocadas em Crédito e Volatilidade, devido às medidas de *stoploss* acionadas para essas classes de ativo. Além disso, ao longo de janeiro, Renda Variável, que fora reintroduzida ao portfólio no último mês, teve seu risco gradativamente aumentado. As outras classes sofreram ajustes de menor grau.

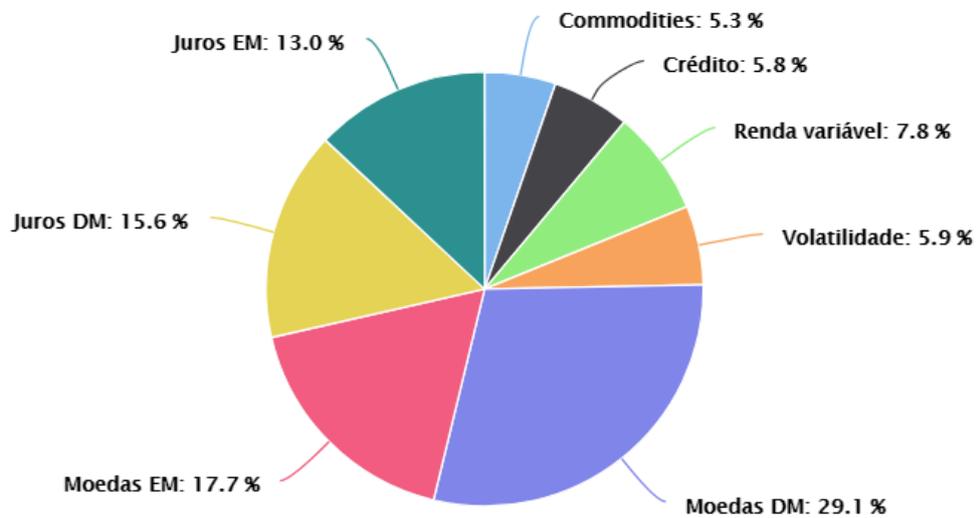
---

<sup>11</sup> Após esse efeito ter sido documentado, as taxas dos contratos de *eurodollar* passaram a refletir o custo estocástico.



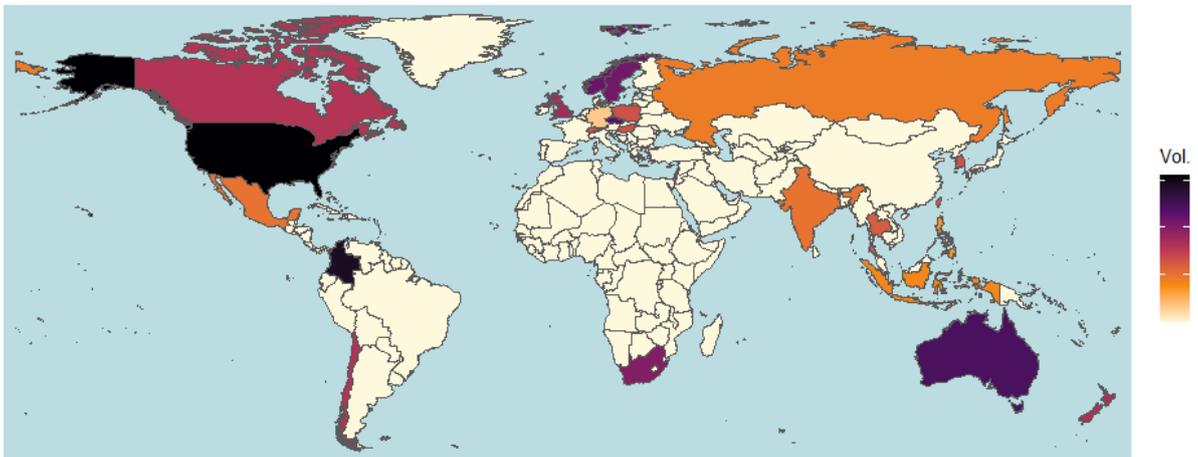
## Carta Mensal Canvas Vector FIC FIM - Janeiro/2022

### Alocação de risco por classe de ativo - Janeiro/2022



No fim de janeiro, o *yield* do Vector encontrava-se em CDI + 8.0% a.a., ao passo que o *expected shortfall* semanal do fundo era de 7.5% – isto é, existe, na janela de uma semana, 1% de chance de uma perda de 7.5%. Segue, abaixo, a diversificação do Vector em termos geográficos.

### Alocação de Risco por país - Janeiro/2022



## Conclusão

Estratégias ativas de investimento se dividem, grosso modo, entre aquelas que buscam antever movimentos nos preços dos ativos (*geração de alfa<sup>12</sup>*) e aquelas que buscam montar uma carteira que ofereça uma boa relação entre risco e retorno esperado no longo prazo.

A segunda abordagem se baseia no fato de que ativos financeiros, na média, entregam retornos positivos, uma vez que investir nada mais é do que financiar a capacidade produtiva da economia, que tende a crescer no longo prazo. Adicionalmente, ela é consistente com o consenso acadêmico de que

<sup>12</sup> Tentar “comprar barato e vender caro”.



retornos de curto prazo são aleatórios, de maneira que tentar prevêê-los tende a gerar custos elevados com impacto questionável no retorno esperado da carteira no longo prazo.

No entanto, optar pela segunda abordagem não significa “sentar nas posições” e esperar o tempo passar. Construção eficiente de portfólio requer uma gestão tão ativa quanto aquela que busca geração de *alfa*, até mesmo porque o impacto (negativo) dos custos e dos parâmetros (aparentemente “inofensivos”) de alocação pode ser tão relevante quanto o resultado esperado da posição em si.

No caso do Vector, o processo de investimento de fundo leva em consideração todos os fatores mencionados nessa Carta, além de muitos outros discutidos anteriormente. Em particular, uma estratégia focada em *yield* tende a gerar uma “reciclagem” automática da carteira: dada a relação inversa entre retorno recente e *yield* atual, o fundo tende a comprar ou manter na carteira ativos que perderam e se desfazer de ativos que se valorizaram.

Adicionalmente, nossos mecanismos de gestão de risco, entre eles a política de *stoploss* do fundo, levam em consideração e são consistentes com o entendimento matemático sobre o comportamento de ativos financeiros.

Por último, lembramos que nenhum dos fatores acima é garantia de rentabilidade no curto prazo. No entanto, um processo robusto de construção de portfólio, atenção aos custos da carteira (contábeis ou “estocásticos”) e um horizonte longo de investimento, no qual o prêmio de risco se materializa em retornos positivos, certamente aumentam as chances de sucesso de um fundo de investimento.



## Carta Mensal Canvas Vector FIC FIM - Janeiro/2022

### AVISO LEGAL

Este documento foi produzido pela Canvas Capital (“Canvas”), na qualidade de gestora do Canvas Vector FIC FIM (“Fundo”), sendo certo que as informações contidas neste documento possuem caráter exclusivamente informativo, não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento em ativos financeiros, tampouco recomendação para compra e venda de cotas do Fundo, cujas características poderão não se adequar ao perfil do investidor, nos termos da Instrução CVM no 539, de 13 de novembro de 2013, conforme alterada. A Canvas não comercializa nem distribui cotas de fundos de investimento ou qualquer outro ativo financeiro.

Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de tributos e da taxa de saída, no caso de resgate antecipado. Fundos de investimento não contam com garantia do Administrador, do Gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou Fundo Garantidor de Crédito – FGC. É recomendada a leitura cuidadosa do formulário de informações complementares, a lâmina de informações essenciais, o prospecto e o regulamento dos fundos de investimento pelo investidor antes de investir seus recursos.

Apesar do cuidado utilizado tanto na obtenção quanto no manuseio das informações apresentadas, a Canvas não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem inclusive ser modificadas sem comunicação. A Canvas não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento não deverá, em qualquer hipótese, ser definido ou interpretado como sendo um relatório de análise nos termos do artigo 19 e seguintes da Instrução CVM nº 598, de 03 de maio de 2018, por se tratar de natureza meramente informativa, constituindo tão somente a opinião da Canvas sobre os assuntos abordados pelo presente.

**Canvas Vector CSHG FIC DE FIM** (CNPJ: 28.345.351/0001-53 – Data início 19/12/2017): O objetivo do fundo e a política de investimento visam proporcionar a valorização de suas cotas mediante aquisição de cotas de fundos de investimento que apliquem seus recursos em ativos financeiros e/ou modalidades operacionais disponíveis no âmbito do mercado financeiro, buscando através de estratégias de investimento baseadas em cenários macroeconômicos de médio e longo prazos rentabilidade acima do Certificado de Depósito Interbancário – CDI. **Público-alvo:** fundo é destinado a receber aplicações de investidores em geral, que busquem a valorização de suas cotas e aceitem assumir os riscos descritos no seu regulamento, aos quais os investimentos do fundo e, conseqüentemente, os cotistas estão expostos, em razão da política de investimento do fundo. **Classificação ANBIMA:** Multimercado Livre (descrição do tipo ANBIMA disponível no Formulário de Informações Complementares). Tributação: Longo Prazo. PL médio (média aritmética da soma do seu patrimônio líquido apurado nos últimos doze meses): R\$ 153.004.670,39; **Taxa de administração** de 1,40% a.a. Taxa de administração máxima de 1,90% a.a.; **Taxa de performance** de 15% sobre o que exceder 100% do CDI; **Os resgates são cotizados em D+29 e liquidados em D+1** (1º d.u. após a data de cotização). **Taxa de saída** de 5.00% do valor resgatado para resgates pagos em D+0 da solicitação. Não há taxa de saída para resgates programados.

**Administrador:** Credit Suisse Hedging-Griffo Corretora de Valores S.A. (CNPJ: 61.809.182/0001-30) | Rua Leopoldo Couto de Magalhães Jr. nº 700 – 11º andar (parte), 13º e 14º andares (parte), São Paulo, SP, CEP: 04542-000 | Telefone: (11) 3701-8669, Fax (11) 3701-8841 | www.cshg.com.br | Ouvidoria: 0800 772 0100.

**Gestor:** Canvas Capital S.A., (CNPJ: 15.377.863/0001-50), Rua Professor Atílio Innocenti, 165, 15o andar, São Paulo/SP (11) 3185-9200 - www.canvascapital.com.br.

**Canvas Vector FIC de FIM** (CNPJ 28.866.524/0001-89 - Data início 19/12/2017): O objetivo do fundo e a política de investimento visam obter níveis de rentabilidade significativamente superiores ao CDI em um horizonte de investimento de médio e longo prazo. **Público-alvo:** este fundo tem como público alvo os investidores, pessoas físicas e jurídicas, em geral, que busquem obter níveis de rentabilidade significativamente superiores ao CDI em um horizonte de médio e longo prazo. **Classificação ANBIMA:** Multimercado Livre (descrição do tipo ANBIMA disponível no Formulário de Informações Complementares). Tributação: Longo Prazo. PL médio (média aritmética da soma do seu patrimônio líquido apurado nos últimos doze meses): R\$ 996.987.476,74; **Taxa de administração** de 1,40% a.a. Taxa de administração máxima de 2,45% a.a.; **Taxa de performance** de 15% sobre o que exceder 100% do CDI. **Os resgates são cotizados em D+29 e liquidados em D+1** (1º d.u. após a data de cotização). **Taxa de saída** de 5.00% do valor resgatado para resgates pagos em D+0 da solicitação. Não há taxa de saída para resgates programados.

**Administrador:** BNY Mellon Serviços Financeiros DTVM S.A. (CNPJ: 02.201.501/0001-61) | Av. Presidente Wilson, 231, 11º andar, Rio de Janeiro, RJ, CEP:20.030-905 | Telefone: (21) 3219-2500, Fax (21) 3219- 2501 | www.bnymellon.com.br/sf | SAC: sac@bnymellon.com.br ou (21) 3219-2600, (11) 3050-8010 | Ouvidoria: ouvidoria@bnymellon.com.br ou 0800 725 3219.

**Gestor:** Canvas Capital S.A., (CNPJ: 15.377.863/0001-50), Rua Professor Atílio Innocenti, 165, 15o andar, São Paulo/SP (11) 3185-9200 - www.canvascapital.com.br.

Para maiores informações, consulte o site do Gestor: www.canvascapital.com.br ou entre em contato com a área de Relações com Investidores pelo telefone (011) 3185-9200.

